

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

PEREIRA, Luena Nascimento Nunes. Luena Nascimento Nunes Pereira (depoimento, 2018). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 23min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS FILHO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (FAPERJ). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Luena Nascimento Nunes Pereira
(depoimento, 2018)**

Rio de Janeiro

2021

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): João Marcelo Ehlert Maia;

Técnico de gravação: Ninna Carneiro;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 27/07/2018 a 27/07/2018

Duração: 1h 23min

Arquivo digital - áudio: 1;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Ciência Social em tempos difíceis: novas configurações do trabalho intelectual no Brasil”, desenvolvido pelo pesquisador João Marcelo Ehlert Maia, com financiamento da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) com período de vigência entre abril de 2016 e abril de 2019.

Temas: Angola; Bolsas de estudo e de pesquisa; Carreira acadêmica; Centro Brasileiro de Análise e Planejamento; Ciências Sociais; Descolonização; Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo; Peter Fry; Pós - graduação; Universidade de São Paulo; Universidade Estadual de Campinas; Universidade Federal do Rio de Janeiro; Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro;

Sumário

Entrevista: 27/07/2018 Estudo de Ciências Sociais no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 1989; influência do pai sociólogo; mestrado e doutorado na Universidade de São Paulo (USP); trancamento do curso por se sentir perdida e porque precisava trabalhar; em 1993 voltou ao curso mais focada; iniciação científica com Peter Fry; assistente de pesquisa no Afro-Asiático da Cândido Mendes; pesquisa sobre Angola e África; início do mestrado na USP em 1997; morar no alojamento da USP; bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP); orientação de Carlos Serrano; representante discente no conselho da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH); trabalho de campo de quatro meses na Angola durante o mestrado; trabalho de campo de seis meses na Angola para o mestrado, apoiada por uma ONG canadense; mestrado e doutorado sobre os regressados e os luandenses; 5 anos para entregar a tese e um ano sem bolsa da FAPESP; casa das Áfricas; curso no Núcleo de Consciência Negra da USP; cursos sobre Estudos Africanos e História da África; em 2005 iniciou pós-doc no Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap) com José Arthur Giannotti; em 2006 e 2007 trabalho sobre feitiçaria na Angola com bolsa do Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO) no projeto de Paula Monteiro; em 2008 temporada no King's College; estudo sobre feitiçaria em Londres por 5 meses; em 2008 foi para a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); em 2009 iniciou como professora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) junto com as pessoas da Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni); chefe de departamento por três anos; coordenadora da área de Ciências Sociais; entrou em projeto de pesquisa sobre quilombos no Rio de Janeiro de André Videira para estudar a questão étnico-racial brasileira; construção de disciplinas na Rural; disciplinas decolonial e pós-colonial; montagem da pós-graduação da Rural; conflitos na Rural; Alzheimer do pai e afastamento do trabalho; frustração com a escrita; conseguiu o Universal do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); uso de SPSS; relação com orientandas; uso de redes sociais para orientação.

Entrevista: 27/07/2018

J – Bom, hoje é dia 27 de julho de 2018, CPDOC, entrevista com a Luena Nascimento Nunes Pereira. Muito obrigada por ter vindo. A primeira pergunta é bem básica: quando e onde você estudou Ciências Sociais?

L – Eu fiz Ciências Sociais no IFCS na UFRJ.

J – Você entrou que ano lá?

L – Em 1997.

J – Eu entrei em 1996.

L – Mas eu tranquei 2 anos, eu tranquei 1991, 1992.

J – Mas você entrou em 1997?

L – Não, confundi, em 1997 eu entrei no mestrado. Caramba, eu estou pulando décadas. Eu entrei em 1989.

J – Eu posso checar a informação no seu Lattes depois.

L – Nossa, medonho isso, porque eu estou pulando a década, isso é uma coisa da idade. Eu entrei em 1989 e saí em 1995.

J - E o que te levou para as Ciências Sociais lá em 1989?

L – Meu pai é sociólogo, ele fez UFF lá nas...eras...ele fez Ciências Sociais na UFF e já era da profissão, meu pai foi sociólogo. Ele foi fazer pós-graduação muito tardiamente, a gente até foi colega, mestrado ele fez antes, mas doutorado ele foi fazer muito depois, quando eu já estava no mestrado. Ele fez o doutorado em Sociologia na USP, porque não havia Relações Internacionais na pós-graduação, era um campo da Sociologia que conversava com Relações Internacionais. Ele fez na USP, onde eu fiz o meu mestrado e doutorado também. Então, eu fui assistente do meu pai, a gente trabalhou junto. Então, eu já tinha muito essa coisa da profissão dele e eu me encaminhei muito em função dele, muito influenciada por ele.

J – E você ficou 6 anos lá no IFCS.

L – É, eu tranquei 2 anos.

J – Por que você trancou?

L – Porque era curso diurno e eu tinha que trabalhar. Chegou um momento, até tem a ver com a separação dos meus pais, que estava apertado e eu tinha que trabalhar. Eu também tive uma época de crise, achava que a Ciência Social era muito confusa e eu não estava lidando bem com essa confusão, ela continuou confusa, mas eu comecei a lidar bem com o fato dela ser confusa. Eu acho que foram essas duas coisas: um certo cansaço no meio

do curso, fiquei um pouco perdida, acho que eu não tinha maturidade; e eu precisava trabalhar. Então, foram essas duas coisas que me fizeram trancar.

J – E você foi trabalhar com quê?

L – Ah, eu fui fazer bico, vendia bombom, vendia roupa. Mas eu fui vender bombom a sério, eu fazia, eu produzia, eu não só vendia. Eu resolvi cantar em coral. Trabalhei em livraria, fiz um monte de coisa.

J – E você voltou em definitivo pra se formar qual era o ano?

L – Voltei em definitivo acho que em 1993. Aí voltei bem focada.

J – E nesse período de 1993 a 1995, você manteve um trabalho à parte ou focou nos estudos?

L – Foquei, foi quando eu fui fazer iniciação científica, foi quando eu trabalhei com o meu pai, foi quando eu trabalhei no Afro-Asiático da Cândido Mendes.

J – Você fez iniciação com quem?

L – Com o Peter Fry.

J – E aí depois você trabalhou no Afro-Asiático?

L – Depois fui assistente de pesquisa, transcrevi fita, fui fazer várias coisas de vários...meu pai trabalhava no Afro-Asiático e aí eu fui trabalhar com colegas do meu pai que estavam finalizando o mestrado e estavam precisando de transcrição de fita. Como a gente trabalhava com África, todo mundo trabalhava com pesquisas sobre a África, eu fui trabalhar com entrevistas de políticos angolanos que um dos meus colegas, que está na História, fez e não tinha muitas pessoas que podiam transcrever, porque era um sotaque angolano e não é fácil de entender, o próprio tema, então, eu trabalhei muito transcrevendo fita e organizando arquivo... Mas também fiz outras coisas, organizei arquivo de artista plástico. Eu fiz várias coisas aleatórias.

J – Aí em 1995, você se formou. Bateu aquela coisa: o que eu faço disso como profissão? Ou já estava um pouco mais claro pra você?

L – Estava mais claro.

J – Você queria fazer mestrado?

L – Queria, estava fazendo pesquisa, mas estava muito em cima para eu tentar o mestrado e eu não tinha muita clareza do que eu ia pesquisar. Eu sabia que era Angola, mas não sabia o quê. Então, eu fiquei um ano trabalhando no Afro-Asiático como assistente de pesquisa, informal, até montar o projeto.

J – E você tinha já clareza que ia ser na USP ou você ia tentar outros lugares também?

L – Eu só tentei na USP.

J – Por quê?

L – Porque eu não queria ficar no Rio, eu não queria ficar no IFCS, eu não tenho um grande amor pelo IFCS.

J – Até hoje?

L – Até hoje, hoje então piorou. Com a história da cota do concurso, eu fiquei mais irritada ainda. Eu nunca fui muito identificada com o IFCS, diferente de todos os meus amigos, inclusive da Rural, que é todo mundo “ifcsiano”, acho que dois terços são “ifcsianos”. Eu tenho um problema com isso, porque na USP, eu não sou considerada “uspiana”, porque eu não fiz graduação. Os “uspianos” só são aqueles que são nascidos e criados na USP.

J – E o *inbreeding* lá é bem comum, né? O cara que se gradua, faz mestrado, doutorado e vira professor.

L – É, e aí eu fiquei meio sem instituição, não adianta eu dizer “eu te amo, USP”, porque ali...claro que você ama a USP, a melhor coisa do universo somos nós, mas ao mesmo tempo eu não estava identificada como alguém que fosse “uspiana”, isso é muito curioso. Mas é que para as coisas que eu gostava de trabalhar em África, eu já tinha tido uma divergência muito grande com o Peter, eu não pensava como ele pensava, ou como ele pensa. É um cara incrível, me ensinou muita coisa, mas o jeito que ele pensa não é a maneira como eu achava interesse. E a USP tinha um Centro de Estudos Africanos, o meu pai tinha feito mestrado lá, os meus colegas que estavam na Cândido também passaram por lá e tinha um professor angolano que era amigo e tinha visto o meu trabalho de iniciação e falou: “Ah, tenta USP.”. E aí eu meio que foquei, porque não tinha outro lugar para trabalhar África naquele momento. Hoje você já tem um pouco mais de informação circulando. No Museu [Nacional], por exemplo, não tinha ninguém. “Ah, mas você pode trabalhar o tema, pode trabalhar com a Geralda [Seyferth].”. Porque eu trabalhava com etnicidade, mas na minha cabeça na época, eu achava que tudo era impossível. Eu só via a USP como opção pra mim, era uma coisa um pouco ingênua também.

J – Você entrou em 1997 lá?

L – Eu entrei em 1997, fiz a seleção em 1996.

J – E como é que foi fazer a pós-graduação lá? Como é que foi ser uma aluna da USP? Os cursos, como você avaliaria?

L – Eu entrei na USP num momento muito difícil para o Programa de Pós-graduação em Antropologia, depois é que a gente foi se dando conta, foi o pior momento do programa, porque foi quando saíram todas as grandonas. Foi quando saiu Manuela Carneiro da Cunha, Eunice [R.Durham], a Aracy Lopes da Silva estava se aposentando, a Maria Lúcia

Montes também tinha saído já, então, tinha um buraco institucional, tanto um vazio político...e, assim, não houve uma reposição rápida.

J – É, em 1997 era outra coisa.

L – Naquela época não tinha essa reposição. Eu me lembro de ter feito um curso com o Roberto Cardoso de Oliveira que foi como visitante, foi um curso fantástico, inclusive, que ele deu sobre hermenêutica. Mas ainda assim me impressionou muito. A biblioteca da USP é impressionante em comparação ao que era a do IFCS na época. A biblioteca do IFCS era muito ruim na época, depois melhorou, mas naquela época era péssima. E a USP tinha aquele jeito, aquela coisa imensa, aquele campus inteiro lá dentro, não era aquela coisa fragmentada que o IFCS era, muito solitário. E como eu fui morar no alojamento, foi quando eu tive realmente uma vida universitária, que eu não tinha tido no IFCS.

J – Entendi. E você como estudante, como era na USP? Todo dia tinha uma rotina de estudos?

L – Todo dia. Eu morava na USP, então, eu levei aquilo muito a sério. Eu morava na USP, então, eu tinha a rotina de todo dia ir pra biblioteca estudar.

J – Todo dia você ia?

L – É, eu tinha uma rotina, foram muito pesadas as disciplinas, a USP é muito competitiva. E eu entrei já sabendo que o pessoal que entra de fora é olhado com muita incredulidade. Então, eu levei aquilo muito a sério, fiz os créditos, fui muito concentrada.

J – Focada ali.

L – Muito focada. Eu nunca estudei tanto na minha vida como no mestrado da USP. No doutorado, eu lembro que eu estudei muito menos, eu trabalhei muito menos, vamos dizer assim. Foi um susto.

J – E como foi o processo de escrita da dissertação? Foi o primeiro grande trabalho escrito que você fez autoral, correto?

L – Foi.

J – Como é que era a Luena escritora? Madrugadas ou disciplina?

L – Deixa eu tentar me lembrar, acho que foram surtos: escreve, depois fica um tempão perdida, lendo, indo pra festa, aí depois voltava. Aí eu lembro que eu arrumei um namorado depois da qualificação, entre a qualificação e a escrita da tese, foi a coisa mais maluca que me aconteceu, porque eu parei de fazer tudo e fiquei namorando e quando a coisa deu errado, eu falei assim: “Gente, eu tenho que entregar o mestrado” [risos]. E aí eu sentei ali, depois de uma caixa de *Kleenex*, e “ta, ta, ta, ta, ta...”, escrevi aquilo. E já tentando o doutorado.

J – Tentando fazer um projeto.

L – É, eu fiz um arremedo de projeto no meio do caminho, já no meio do mestrado pensando no doutorado, porque naquela época - isso é importante - foi na época que começaram a enxugar os prazos, então, passou a média de 4 anos, 4 anos e meio, para: “Ah, agora vocês têm que fazer tudo em 3 anos, 2 anos e meio”. A coisa mais bacana sobre a escrita era que...eu tive bolsa FAPESP...

J – Que era um valor legal na época.

L – Era um valor legal, mas a questão é que tinha relatório semestral.

J – Que era levado a sério.

L – Opa, era, tinha parecer anônimo, tinha uma coisa toda de ficar pensando quem era o parecerista. Eu descobri quem era o meu parecerista, aí fiquei mais tensa ainda. Descobri assim, pelo jeito de escrever, porque parecia um estrangeiro e aí eu falei: “Nossa, que escrita estranha”. E dava parecer mesmo, o cara tinha lido e dava palpite nos relatórios, era uma segunda orientação. Então, esse mecanismo da FAPESP te ajuda muito, porque todo semestre você tem que entregar um negócio. Eu tive um orientador completamente...assim, o Serrano [Carlos] era um cara que tomava cerveja com você, comia uns amendoins e falava um negócio qualquer do seu trabalho que ele tinha lido por alto. Aí batíamos altos papos, mas orientação mesmo eu não tive. Então, me valeu muito esses pareceres e os amigos.

J – Você dava os textos para os amigos lerem? Vocês partilhavam isso?

L – A gente fazia isso. A gente tinha um grupo que fazia, era o grupo dos externos.

J – Ah, todo mundo que vinha de fora da USP?

L – É, nós que vínhamos de fora da USP e mais uns perdidinhos, os medíocres, vamos dizer assim, que não eram os melhores. Eu entrei com uma turma muito pesada, era uma turma que eram todos os queridinhos da USP. Eu entrei com o Renato Sztutman, eram uns alunos muito brilhantes que tinham feito uma revista já na graduação. Então, eram os queridos dos melhores professores. A Lilian Schwarcz amava. O povo da Etnologia amava.

J – E eles estão por aí hoje na vida acadêmica?

L – Estão, o Renato Sztutman está na USP, a Florencia Ferrari está na Cosac...nem sei mais o resto como é que está, a Florencia entrou depois... Era um povo muito bom de fato, mas um povo muito bem-nascido, um povo que nasce falando quatro línguas.

J – Bourdieu na veia, capital cultural total.

L – É, total. Sobrava capital cultural e sobrava aquele circuito USP-Jardins, então, era um povo que já falava muitas línguas. E independente da gente ter ou não capital cultural, eu tinha colega que era da Vila Maria, outro colega que vinha do interior do Paraná, então, tinha um pessoal que não tinha tanto, tinha eu que já tinha um certo circuito, Ana Paula Mendes que vinha da UFF, que já tinha um circuito, mas que eram os *outsiders*, era totalmente assim, era bem Elias [Nobert].

J – Na sociabilidade, inclusive?

L – Inclusive.

J – Na cerveja, na festa...

L – Sim, era assim. Tinha o Alex que vinha do Ceará, que vinha da Arquitetura, tinha passado pela Geografia e caiu na Antropologia, que era aluno do Kabengele [Munanga]. Tinha esse pessoal que era orientando das pessoas menos prestigiosas e tinha o pessoal que era orientando das pessoas mais prestigiosas. E tinha o povo da Etnologia que era uma casa à parte. Tinha essas...

J – Essas marcações.

L – Tinha muita marcação. A USP é assim e a Antropologia era assim. Demorou muito para você conseguir respeitabilidade, olharem pra você e dizer...e eu fui muito cedo representando discente, no segundo ano eu já era representante discente. Mas tinha uma coisa assim como os professores viam, como os alunos viam, mesmo que você tivesse uma circulação entre os colegas, não era uma coisa que as pessoas se antipativavam, não era isso, não havia hostilidade entre os colegas, tanto é que eu fui representante discente, até porque ninguém queria ser, todo mundo achava que aquilo era muito estranho, eu achava que era muito bom ser representante discente e entender como as coisas funcionavam. Eu fui representante discente até no conselho da FFLCH, eu e a Ana Paula. Foi muito legal, porque a gente conheceu de dentro como é que funcionava a FFLCH. Sempre me interessou muito saber como é que funcionava a instituição. Mas você tinha de organizar as coisas que já vinham da institucionalidade que não tinha muito como...não é que não tinha muito, a gente fez muitas coisas juntos. Eu lembro que o Piero Leirner e mais o Kiko [Ferrite], que está na UFSCar, eu lembro que a gente conversava, a gente fazia muitos seminários juntos, mas essa marcação é uma coisa que vinha muito dos professores, os professores olhavam pra você assim: “De quem você é?”, “Ah, é do Serrano”, “Ah, é da Lilian, ah!”. Tanto é que quando eu passei em segundo lugar no doutorado, todo mundo: “Quem é essa menina?”. Eu recebi parabéns no meio do corredor.

J – De pessoas que nunca falavam com você.

L – É! Tinha isso: pessoas que falavam com você, pessoas que não falavam com você. Porque eu tirei segundo lugar e o primeiro lugar era um *hors-concours* completo que era o Aristóteles Barcelos que vinha da UFSC, mas ele já era um cara brilhante e, realmente, ele é fantástico o Aristóteles, está na Inglaterra agora, já era uma estrela da Etnologia. Porque a Etnologia é uma coisa à parte da Antropologia, é quase que uma seita mística.

J – Uma maçonaria.

L – É, porque é uma outra linguagem, uma outra teoria, eles leem coisas que só eles leem.

J – É Antropologia de verdade.

L – É, é Antropologia de verdade. Uma das coisas que me trouxe muita respeitabilidade na USP era porque eu estudava África e isso era considerado Antropologia de verdade, porque era uma coisa clássica. Então, era como se fosse assim um Evans-Pritchard. “Ah, você estuda África? Nossa!”. E esse povo que estudava, sei lá, o urbano...

J – Grafiteiro e Vila Madalena.

L – Ah, isso aí não era sério, não era sério o suficiente, a não ser que você use Deleuze.
[risos]

J – E como é que foi o doutorado? Como é que foi o processo de pesquisa? Fala da tua pesquisa.

L – No Mestrado, eu fui pra Angola. Fui pra Angola juntando um monte de dinheiro, fiz vaquinha, fiz rifa, o meu pai pagou uma parte.

J – Você conseguiu fazer campo, então, em Angola no Mestrado?

L – Fiz.

J – Naquela época já dava, mas não era tão comum.

L – Era difícil, não era comum. Inclusive, eu fui questionada na banca por que eu ia fazer campo. “Ah, por que você não faz uma coisa bibliográfica?”. “Por que você não faz uma coisa sobre os angolanos aqui no Brasil?”. “Não, isso eu já fiz na graduação.” Eu era muito arrogante, porque eu era assim: “Não, eu vou fazer.”. Quando eu penso as coisas que eu falava na época, se eu visse um aluno meu falando isso, eu ia dar nada cara: “Cala a boca, menino, que você não sabe nem o que você está falando, você não sabe nem o que é isso.” É engraçado como a gente olha assim...eu era um pouco...não era arrogante, eu era um pouco pretensiosa, mas se eu não fosse pretensiosa eu não tinha entrado na USP.

J – E nem passado em segundo lugar no doutorado.

L – É.

J – Quanto tempo você ficou em Angola?

L – Quatro meses.

J – Direto?

L – Direto. Eu tive ajuda, porque eu tenho uma parte da minha família que é de Angola. A primeira esposa do meu pai é angolana, então, eu tinha família lá. Eu tive uma rede de acolhimento lá, foi o que me fez comprovar que eu ia, o fato de que eu tinha alguma rede, o meu orientador é angolano, então, ele tinha uma rede. Eu fui conseguindo sobreviver e fazer campo em função dessa rede. Para o doutorado não, eu consegui um financiamento. Eu trabalhei apoiada por uma ONG canadense que estava trabalhando em Angola e aí eles conseguiram uma grana pra mim via uma fundação norueguesa.

J – Sempre os noruegueses.

L – Eu consegui “15 conto”, 15 mil dólares, para um campo no doutorado. E aí eu fiquei seis meses em Angola. Eu fui dois meses em 2000, foi quando eu consegui esse contato de conseguir essa grana e aí eu fiquei seis meses em 2001.

J – No doutorado você estava só fazendo o doutorado ou você trabalhava com Ciências Sociais de outros jeitos?

L – Só o doutorado, só aquela coisa.

J – Como é que era a antropóloga no campo? Era a clássica antropóloga com caderninho?

L – Com caderninho, com gravador.

J – Chegando à noite no quarto e passando a limpo?

L – É, quando eu não ficava deprimida, quando eu não tinha malária. Foi em 2001, inclusive, foi na época do 11 de setembro, foi interessante. A Angola estava em guerra, veja bem, a Angola estava no final da guerra, em 2002 acabou. Então, eu fiz campo no mestrado e no doutorado num período ainda crítico, não explosivo, mas crítico ainda de conflito militar. Fui para o norte de Angola, fui para o Congo democrático, fiz umas aventuras, tudo com uma pequena ajuda dos amigos.

J – Como é que era você como pesquisadora? Você gostava de reunir as coisas? Tinha suas entrevistas, suas notas, você imediatamente já escrevia? Ou você juntava um monte de coisa e precisava estar no Brasil em algum momento numa esticada para refletir?

L – No campo eu não refleti, eu só fui amalhando as coisas, tomando algumas decisões que se revelaram acertadas, mas que foram muito intuitivas. Eu fui seguindo o campo. A ideia inicial era trabalhar com algumas questões, depois eu fui indo pra outras questões que o campo foi me mostrando e eu fui tendo oportunidade de fazer algumas coisas, fui fazendo essas coisas e conversando muito com as pessoas lá. Então, eu fui seguindo muito...eu tinha um guia e ele ia me levando para determinadas situações que na cabeça dele: “Ah, vai ser bom pra você ir pra tal lugar, falar com tal pessoa.” Às vezes eu achava

que o cara estava decidindo a minha vida, teve uma hora que eu briguei com ele: “Mas a pesquisa é minha, não é sua.” Então, eu fui meio que “deixa a vida me levar”, era um pouco isso, era o que dava pra fazer, eu não conseguia aprender a língua. Se falava português, mas se falava outras duas línguas: o kikongo, que era uma língua do grupo que eu trabalhei e eu nunca consegui aprender, é muito difícil aprender kikongo; lingala não, lingala é uma língua fácil, eu conseguia entender um pouco. Então, isso te coloca na mão de algumas pessoas e também eu não posso trabalhar, sei lá, cosmologia e representação social, eu tenho que trabalhar ritual, porque é aquilo que você não precisa tanto da língua. Algumas coisas foram de limitação do campo mesmo, eu fui trabalhar com igreja, porque todo mundo ia pra igreja.

J – Ao final sua tese foi sobre o quê? Eu pergunto ao final, porque na Antropologia tem muito isso, você vai cavando e aparece alguma coisa.

L – O que eu quis trabalhar no doutorado desde o começo eu consegui.

J – Que era?

L – Assim, eu trabalhei no mestrado com esse grupo que eram os angolanos que tinham vivido no Congo, retornados para Luanda, que era um grupo considerado estrangeiro dentro de Angola. Então, eu trabalhei com os chamados grupos regressados que eram esses angolanos do Norte, que faziam fronteira com o Congo, que eram do mesmo grupo étnico dessa região do Congo, que tinham migrado por mil motivos, mas, sobretudo, por conta da guerra e voltados para Luanda. E eram os caras que tinham montado a rede de comércio informal e que eram considerados estrangeiros. E tinha a ver também com a questão política dos movimentos de libertação de Angola, porque eles considerados zairenses, estrangeiros, que tinham transtornado a economia angolana e luandense. Então, no mestrado eu trabalhei com isso. O mestrado foi muito mais redondo do que o doutorado pra falar a verdade, foi mais bem recortado: começo, meio e fim.

No doutorado foi muito mais difícil, porque eu quis trabalhar com eles enquanto grupo interno, na reprodução deles enquanto grupo em Luanda e não com a questão étnica da bipolaridade: os regressados e os luandenses. Fui trabalhar com a diversidade interna do grupo étnico, trabalhar o grupo pra dentro. Isso eu fiz, mas a linha pela qual eu achei que eu fosse fazer não foi. Eu achei que eu fosse trabalhar com a questão da língua, com questão de classe, com questão de gênero e eu acabei trabalhando muito mais com religião, com as relações religiosas e com parentesco, que era uma coisa que eu jamais tinha imaginado que eu fosse trabalhar. Então, depois, com o retorno, as leituras que eu fui fazendo foram me jogando pra essa discussão.

J – E como é que foi a escrita da tese? Foi sofrida ou foi razoavelmente tranquila?

L – Como é que não é sofrido? Eu não sei dizer se foi mais ou menos sofrido do que a média. Eu não surtei, que agora é a moda, todo mundo surta. Hoje, olhando pra trás, eu não surtei. Entreguei com 5 anos, ou seja, um prazo supertranquilo.

J – Mas em termos mais detalhados, pra você escrever, você é daquelas do “esqueminha” ou folha em branco e vai linha por linha? Tem que ter um plano geral?

L – Tem que ter um plano geral. Eu acho que na qualificação eu consegui montar um plano, demorou, eu qualifiquei acho que no terceiro ano, porque em 2000, 2001, eu fui pra campo. Eu só qualifiquei no final de 2002, no final do terceiro ano, o que seria tardio, mas aí eu fiquei mais dois anos, eu fiquei um ano sem bolsa trabalhando, e aí eu consegui o plano de tese. Então, eu já tinha escrito várias coisas, vários pedaços e depois eu consegui escrever isso dentro de um plano de tese, não necessariamente na mesma ordem. O capítulo 3 foi o primeiro capítulo que eu comecei a escrever e que eu digo que eu nunca terminei, até hoje ele está inacabado, porque eu acho que ele ficou incompleto. E aí eu fui escrevendo, primeiro o 3, depois o 2, depois escrevi o 1 e depois o 4. O capítulo 4 foi realmente o último que eu escrevi. Mas com essa história dos relatórios da FAPESP, que já eram anuais, isso me ajudou muito, porque você tinha que produzir. E eu recebi uma bomba no terceiro relatório, não foi reprovado, mas assim...

J – Aprovado com várias ressalvas.

L – O parecerista mandou um monte de bronca e aí aquilo me deu um susto, porque se dependesse do Serrano estava tudo bem. Ele lia, você via assim páginas e páginas com aquele risquinho, aí lá tinha uma correção bibliográfica...realmente, o Serrano não me orientou, vamos falar a verdade, ele sabe disso. Ele lia, aí você sentava com ele na mesa do clube dos professores, que é um clube no meio do mato, você tomava umas cervejas, aí quando ele já estava bêbado ele falava um negócio: “Ah, eu acho que aquilo que você escreveu...”. Eu já tinha esquecido óbvio. No dia seguinte: “O que o Serrano me falou?”. Aí no meio da escrita, eu falei: “Gente, aquilo que o Serrano me falou faz todo o sentido!”.

J – Em geral as dicas bêbadas eram boas?

L – Eram ótimas, só que assim... Eu fiz todo um esforço para não ser como o meu orientador foi comigo. Eu tenho todo esse esforço para eu não ser essa orientadora, mas eu gosto disso, me deu uma autonomia de trabalho.

J – Mas você mencionou que terminou tua bolsa e você ainda ficou um ano sem bolsa, e aí o que você estava fazendo?

L – Ah, eu me meti numa aventura chamada Casa das Áfricas¹ que eram umas figuras...uma colega até da USP, que tinha feito Sociologia era professora da Fisioterapia, mas era uma professora que trabalhava com Mali, estudos africanos também. Ela se meteu com uma senhora cheia de dinheiro, as coisas que têm em São Paulo, gente cheia de dinheiro fazendo coisas assim... fizeram tipo uma ONG de estudos africanos. Eu tinha uma outra colega da História, a Kelly [Oliveira], que me falou: “Ah, vamos fazer uma ONG de estudos africanos?”. “Vamos”. Era uma milionária que em vez de gastar dinheiro em Miami, gastava dinheiro indo para o Níger conhecer os Tuaregues. Aí eu falei: “Ah, bacana.”. Era uma figura da família Mariani da Bahia, conhece esse povo?

J – Clemente Mariani.

L – Clemente Mariani, exatamente, era dessa família, polo Petroquímico. São Paulo é o máximo, você fica assim...eu e mais um outro colega negro também a gente brincava: “Vamos fazer agora a nossa redistribuição, nossa ação afirmativa.” Então, a gente começou a montar uma ONG que era de pesquisa, extensão, tinha vários projetos...e eu entrei num projeto da Lei 10.639 que era dar aula sobre história e cultura africana e afro-brasileira, que foi a coisa que eu comecei a me meter em 2002, 2003...

J – A lei é de 2001?

L – A lei é de 2003. Isso é uma coisa que eu já fazia, eu já dava aula, cursos de extensão.

J – Ah, você fazia isso?

L – Fazia, muito assim... eventual.

J – Na USP ou fora?

L – Ah, eu dei esse curso no Núcleo de Consciência Negra da USP. Isso era eu e uma colega minha que também era aluna do Serrano e que vinha da História pra Antropologia, a Maria Paula [Adinolfi]. E a gente montou um curso assim de 40h, 8h, a gente tinha vários modelos de curso. Porque começou a ter uma demanda por cursos de História da África, Introdução a Estudos Africanos, Introdução a Estudos Afro-brasileiros, a gente começou a fazer isso. Meu pai tinha montado um curso de Pós-graduação *lato sensu* em História da África na Cândido Mendes, havia esse curso desde 1995, então, eu tinha a experiência de acompanhar esses cursos do meu pai no Rio. Ele deu aula um tempo na Estácio, a Estácio pediu para ele fazer uma disciplina, porque o curso de História lá estava fechando, aí ele deu uns cursos pra fechar uma turma que tinha se recusado a ir embora. E meu pai criou esse curso *lato sensu* em Estudos Africanos, em História da África, eu

¹ <http://casadasafricas.org.br/wp/>

acompanhei esse curso e aí montei um curso e a gente foi dar esse curso pra quem chamava, a gente oferecia. Dei curso no sindicato, no Sinpeem [Sindicato dos Profissionais em Educação no Ensino Municipal de São Paulo], em vários lugares. Quando começou a Casa das Áfricas, a gente sistematizou isso e começamos a vender isso. Era a prefeitura da Marta Suplicy, então, tinha aquela coisa dos CEUs [Centro Educacional Unificado], e eles tinham mudado a sistematização, então, tinha uma autonomia muito grande das chamadas Delegacias de Ensino - que depois viraram Coordenadorias de Ensino - de chamar pra fazer curso de capacitação. Então, a gente aproveitou essa onda.

J – Deve ter sido uma experiência legal.

L – Foi bem legal.

J – Durou um ano?

L – Sim, durou, porque a gente brigou.

J – Com a milionária ou com a sua amiga?

L – Com a milionária [risos]. A gente se desentendeu, porque a gente começou a ter muita autonomia, eu não sei, eu não vou falar por que a gente brigou, porque eu tinha o meu jeito e ela olhava de um outro jeito para aquilo que a gente fazia. Mas a gente se desentendeu e aí fomos arrastando até um ano, aí eu terminei o doutorado e aí eu pensei: “Agora posso abrir mão desse dinheiro e *let it go*”.

J – Que ano foi isso?

L – 2004.

J – Você defendeu em 2004?

L – Não, eu defendi no comecinho de 2005.

J – E aí 2005 começando, o que Luena foi fazer?

L – Em 2005 não tinha concurso, bolsa-desemprego, pós-doc.

J – Você foi buscar um pós-doc?

L – É.

J – Foi quando você foi pra Inglaterra?

L – Não, aí foi o Cebrap [Centro Brasileiro de Análise e Planejamento].

J – Como é que pintou o Cebrap?

L – Pintou uma vaga num projeto do Giannotti [José Arthur] em formação de quadros profissionais. Era um projeto de mestrados, era uma coisa paralela ao mestrado, e aí você tinha mestrados pesquisando coisas incríveis. Era uma coisa meio de formação geral, aquela coisa bem “cebrapiana” de formação geral, que você estuda Economia, Filosofia

e Antropologia, sai da sua caixinha. Era fantástico. Só que o mestrado não tinha o formato que passou a ter que era de 2 anos, 2 anos e meio, e não dava tempo. Então, eles converteram esse programa para pós-doc, o que foi muito mais complicado no meu entender, porque pós-doc são caras que ficam fazendo a sua pesquisa, publicando os seus textos, objetivando o seu Lattes, enquanto o concurso não vem.

J – E eles esperavam uma coisa mais livre.

L – Eles esperavam, mas estava todo mundo estudando pra concurso. Então, eu passei um ano lendo Nietzsche, foi fantástico, foi mais de um ano, não, foi um semestre lendo Nietzsche e depois a gente começou a ler outras coisas. Era um grupo muito interessante: um filósofo, um sociólogo, eu era antropóloga, tinha uma outra antropóloga, tinha uma economista incrível, a Natália, que depois foi para Ribeirão Preto. Uma economista que pensava sociologicamente, pensava Economia de um jeito descente, Economia uma ciência social, eu aprendi muito com ela. E todo mundo foi estudar Filosofia, foi bem legal, mas muito doido, porque o Giannotti queria umas coisas muito... Depois disso, acabou minha bolsa e eu entrei num outro projeto dentro de um programa de estudos sobre missões, que era o projeto da Paula Monteiro.

J – Isso no Cebrap?

L – Ainda no Cebrap, eu migrei dessa bolsa para uma bolsa da FAPESP, foi isso. Eu tinha essa bolsa que era curta, nove meses, foi o tempo de eu fazer o projeto e entrar pra essa bolsa, como pós-doc, no projeto da Paula Monteiro que era sobre missões no mundo contemporâneo, eu estudando a condição de feitiçaria em Angola e como é que a mediação da igreja se dava. Como eu estava estudando religião, eu fiz uma puxada...porque eu voltei para Angola em 2005 com o dinheiro da CLACSO [Conselho Latino-americano de Ciências Sociais], eu consegui voltar. Eu esqueci como é que foi essa história da CLACSO. Mas a CLACSO me deu um dinheiro, não sei como, e eu fui para Angola retornar o meu trabalho e tentar uma outra pesquisa. Foi assim que eu recebi uma proposta da ONG dizendo: “Eu ajudo você a entrar em campo se você fizer um trabalho sobre feitiçaria.” Foi uma coisa meio encomendada e eu: “Caraca, feitiçaria.” Acusação de feitiçaria contra crianças, que era uma história que estava pegando, todas as ONGs estavam envolvidas com esse problema da acusação de crianças feiticeiras. Aí eu fiz o projeto tanto pra essa ONG, quanto para o Cebrap, passei e fiquei com esse projeto da feitiçaria, que foi um projeto difícilíssimo de fazer, que eu não consegui na verdade fazer esse projeto. Eu fiz um arremedo, publiquei dois artigos, mas foi...não consegui fazer, foi um campo difícilíssimo, impenetrável quase. Eu fui tentando comer o mingau pela beirada,

mas eu nunca consegui chegar no meio do prato. Foi bem complicado, me deu muita dor de cabeça, eu fiquei muito frustrada.

J – Durou quanto tempo esse combo novo projeto Cebrap/Angola com a Paula?

L – 2006, 2007 e 2008. Três anos. Aí fui pra Londres.

J – Que era também um outro pós-doc?

L – Dentro desse projeto eu pedi pra ir pra Londres, tinha essa possibilidade. Dinheiro de São Paulo. Dinheiro, São Paulo, é lá, naquela época, hoje já não sei como é que tá. Eu tinha ido num seminário em Londres, na *King's College*, sobre Feitiçaria e Mundo Atlântico. Aí cheguei lá, fiquei uma semana, depois mais uma semana, aí o povo da *King's College*: “Ah, vem pra cá, a gente tem uma cadeira e um computador pra você”.

J – Já tinha aquela coisa de Centro brasileiro lá? Anthony Pereira...

L – Tinha. Na verdade, tinha isso, mas não era onde eu estava. Eu estava no centro de estudos luso...esqueci como é que era, porque depois isso mudou, teve uma conversão para Centro de Estudos Brasileiros, teve sim, mas antes era um bolão de Estudos Lusófonos, tanto é que estava o cara que era meu tutor, estava o David Treece, foi ele que me chamou, inclusive, ele e mais uma figura também de Estudos Brasileiros, os dois são de Estudos Brasileiros...e foi essa figura mais velha que falou: “Ah, por que você não vem pra cá? A gente tem aqui um sótão com um computador e uma mesa, você pode ficar lá, mas assim a gente não tem um tostão.” Aí eu falei: “Ah, vou ver.”. Aí quando o David veio para o Brasil lançar o livro dele sobre indigenismo², aquela coisa do índio no Romantismo, ele veio lançar o livro aqui na Casa de Rui, aí eu falei: “Pô, David, será que você não me dá uma carta?”. Aí ele falou: “Claro que eu te dou uma carta.”. Aí me deu uma carta, aí eu montei um projeto dentro da história da feitiçaria, porque tinha uma discussão sobre perseguição de crianças acusadas de feitiçaria na Inglaterra, tanto crenças africanas como tinha uma história dessas coisas de pentecostal...essas coisas de bruxaria na Inglaterra, tem bruxa na Inglaterra, né? Então, tem uma história de crianças que acusavam feiticeiros, na verdade, elas não eram feiticeiras, feiticeiros eram os outros.

J – Entendi.

L – E aí tinha uma figura que chama Jean La Fontaine, que é uma senhora antiquíssima, que tinha trabalhado sobre isso, *Speak of the devil*³. Aí eu juntei tudo, mais o *Harry Potter*,

² TREECE, David. *EXILADOS, ALIADOS, REBELDES: O Movimento Indianista, a Política Indigenista e o Estado-nação Imperial*. Edusp: São Paulo, 2008.

³ LA FONTAINE, J. S. *Speak of the Devil: allegations of satanic abuse in Britain*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1998.

que estava na época também, bateu muito. E aí eu falei: “Gente, vou fazer um projeto sobre essa história aí, vou lá na Inglaterra conversar com essa Jean La Fontaine”, que era conhecida por alguns colegas. E aí deu certo e eu fui.

J – Você ficou quanto tempo lá?

L – Cinco meses só. Só podia ser cinco meses.

J – Mas cinco meses em Londres está bom, né?

L – Ah, quando eu comecei a gostar, acabou. Quando eu comecei a entender, acabou. Foi um pouco isso. Mas a minha bolsa estava acabando e aí eu tentei Unicamp. Tentei um PRODOC [Programa de Apoio a Projetos Institucionais com a Participação de Recém-Doutores] da CAPES, que era aquela coisa: “Fica aí dando aula enquanto o concurso não vem.”. Era isso. Nessa época tinha muito. Tinha muita coisa de você ter bolsa enquanto o concurso não vem e eu consegui. Eu consegui todas as bolsas que eu quis, não posso me queixar. E aí quando eu estava indo pra Londres, eu consegui a Unicamp, PRODOC, mas que só ia ser implementado realmente em junho, porque eu tinha conseguido a seleção, eles ainda iam fazer o pedido da bolsa...o PRODOC não tem mais, agora é o PNPd [Programa Nacional de Pós-Doutorado], mas é a mesma coisa, só que o PRODOC era dois anos só. E aí eu fui pra Unicamp. Então, na verdade em 2005 foi a bolsa do Giannotti, em 2006 e 2007 foi a bolsa da Paula, foram só dois anos mesmo, em 2008 eu consegui essa esticadinha pra essa bolsa de Londres e fui pra Unicamp em 2008.

J – Foi da Unicamp que você fez o concurso pra Rural?

L – Foi.

J – Você entrou na Rural em que ano?

L – Agosto de 2009.

J – Vamos falar, então, da Luena na Rural. Como é que foi entrar na Rural? Como foi o começo?

L – Foi o começo e tudo. O curso começou, a gente entrou. Eu tenho alunos que têm mais tempo de Rural do que eu. Já estava o primeiro semestre correndo quando a gente entrou. Foi aquela galera Reuni [Reestruturação e Expansão das Universidades Federais]. Foi aquela maçaroca de concurso e todo mundo entrou, alguns até que não deviam ter entrado, entraram. Tem uns colegas meus que eu podia fazer assim... não estão ajudando em nada, mas enfim.

J – E você como professora, como é você como professora? Você é daquelas que esmiúça, lê todos os textos toda vez, prepara a aula escrita? Como é que é?

L – É você perguntou isso, eu fiquei pensando muito sobre isso. No começo eu preparei muito, eu não sou de preparar aula não, eu preparei o curso. Lógico, você lê 50 textos para escolher oito. Os primeiros dois anos foram de preparação de curso muito intensa. Aí com o tempo você vai descobrindo como a coisa funciona sem cair na mediocridade ou naquela coisa pé nas costas, você vai entendendo como funciona. Aí você vai pegando um pouco a manha de dar aula com os textos que você já sabe e vai inserindo sempre algumas coisas novas pra você também não morrer de tédio, porque para o aluno aquilo sempre é uma coisa nova, pra você que fica: “Ai, briga de galos, não aguento mais dar isso.”

J – E o que você inseria de novidade para briga de galos em Bali ser mais excitante?

L – Eu sempre dei a briga de galos. Todo semestre eu dou briga de galos, mas aí eu inseria outras coisas. Até estou sendo injusta, porque a briga de galos eu até gosto de dar. Todo semestre eu dou pelo menos um texto novo, embora meus cursos...eles se repetem, né? Porque o que estava acontecendo, o curso de Ciências Sociais estava se formando, todos os cursos de humanas se formando, o de História estava se reestruturando também, que era o curso mais antigo, e a gente dava meio que Sociologia e Antropologia para 300 outros cursos. Então, a gente dava Sociologia e Antropologia para Educação Física, Arquitetura, Belas Artes, Serviço Social, História, Filosofia, então, você dá curso pra um monte de gente. Então, você tem aquele curso básico que é o Introdução à Antropologia, que a gente sempre achava que deveria dialogar com os cursos, por exemplo, em Educação Física tem que discutir corpo, tem que discutir pessoa, tem que discutir gênero, pra Pedagogia também... Mas, com o tempo, porque a gente começou em 2009, mas ainda lutando pelas vagas, porque as vagas não vieram todas e, na Rural, as vagas estavam sendo disputadas por outros cursos que não eram do Reuni, com cursos que estavam se reestruturando usando as vagas do Reuni, porque foi assim o projeto da Rural. Então, a Rural não pediu vaga só para os cursos que estavam sendo abertos, ela pediu vaga para outros cursos que estavam vivendo naquela época com dois terços do seu corpo docente com substitutos. Então, a gente perdeu vaga para Química, Matemática, outros cursos que estavam reestruturando o seu corpo docente, e a gente brigava muito, achava aquilo injusto, mas era isso mesmo, só que na hora de brigar por vaga, a gente vai com tudo e eu fui chefe de departamento nessa época.

J – Quanto tempo você foi chefe?

L – Por três longos anos. No primeiro ano eu não fui chefe de departamento, eu fui coordenadora de área, porque a gente tinha um departamento chamado DLCS,

Departamento de Letras e Ciências Sociais, que era o departamento que tinha gente de todas as áreas humanas: Literatura, Letras, Artes, Comunicação, Ciências Sociais, que davam esses cursos básicos para todo mundo. Então, era essa área básica de humanas que viraram os departamentos de Filosofia, Ciências Sociais, História, Comunicação, Artes... Houve uma época que o DLCS tinha 120 professores e eles não queriam abrir outros departamentos. Era uma briga, porque tinha as FGs todas pra poder abrir departamentos. Era uma briga, porque uma boa parte da Rural foi contra a expansão, foi contra o Reuni, então, esse pessoal nos conselhos sabotava a gente de todas as formas, inclusive, com as vagas, que eram nossas. E aí tinha uma época que o meu chefe chefiava 120 professores e eu era coordenadora da área de Ciências Sociais, que tinha na época uns 15 professores, então, eu ia lá de r15, trabuco, flecha pra poder brigar pelas vagas, montando horário e aquela coisa maluca toda, aprendendo a Rural por dentro.

J – Nessa época fazer pesquisa era algo meio quimera...

L – Ah, esquece isso. Vamos lá, o que aconteceu? A gente fez pesquisa sim. No primeiro ano não, logo depois, um colega meu que trabalhava com quilombo...África esquece, eu estava entrando no curso, não podia viajar, três anos de probatório, eu comecei a ver que eu tinha que mudar o meu plano de trabalho para a questão racial brasileira, que era uma coisa que eu já tinha uma experiência. Então, eu entrei num projeto de um amigo sobre quilombos no Rio de Janeiro.

J – Do André?

L – André Videira, isso. O André montou um projeto, era um Prioridade Rio em cima de desenvolvimento, educação, era um projeto muito legal com várias pessoas, José Maurício Arruti, com o Andrey [Cordeiro Ferreira] e eu. Era com quilombos do sul-fluminense, pegava Angra dos Reis, Bracuí, Rio Claro, que era a área dele, Marambaia que era a área do Zé. Fizemos um projeto e eu peguei a parte de educação e questão étnico-racial, foi quando eu comecei a orientar. Eu tinha uma aluna da Pedagogia, maravilhosa, minha primeira orientanda, Pedagogia não trabalhava questão racial na Rural, então, começamos a trabalhar com a pesquisa em cima de educação formal e não-formal. Como é que era o quilombo do Bracuí na escola, se a escola incorporava a 10.639 a partir da experiência local do quilombo, como eram as relações entre quilombo e escola e como eram os processos não-formais de aprendizagens no quilombo do Bracuí via Jongo, via tradição oral, via mais velhos.

J – Nessa altura você já era professora de uma universidade federal, estava envolvida institucionalmente, você vinha de várias bolsas que você tinha a possibilidade de se

dedicar à pesquisa, como era fazer pesquisa tendo todos esses constrangimentos? Era quando dava? Era fim de semana?

L – Era quando dava.

J – “Vou lá agora”, mas assim dois meses ali, uma semana em Angra dos Reis não dava.

L – Não, a gente fez uma visita. Era 24h por dia em torno da instituição, porque 2009, 2010 até 2011 era botar a coisa de pé. A gente trabalhava o tempo todo. A gente chegou lá montando disciplina dos dois anos seguintes, porque a gente tinha aprovado as disciplinas do primeiro ciclo, os outros não tinham nem disciplina. Então, a gente terminou de montar a grande do segundo ciclo lá, então, era “andando de carro e trocando pneu”, era um pouco isso. Montamos uma disciplina sobre Pensamento Africano dentro das disciplinas de Pensamento Social, Brasil I e Brasil II estavam prontas, aí tinha América Latina e eles queriam uma América Latina II, aí eu e o André falamos assim: “Vamos trabalhar com África, Ásia, vamos estudar decolonial, pós-colonial, vamos trabalhar com Pensamento Africano, pan-africanismo.”. Aí montamos uma disciplina que eu dou até hoje que é Pensamento Ásia, África e América Latina, que é uma das coisas que mais me dá prazer.

J – É obrigatória?

L – Obrigatória, na grade. É a única disciplina obrigatória em grade de Ciências Sociais que eu conheço que discute Pensamento Africano, não conheço outra. Eu conheço experiências de optativas. Então, a gente dá pan-africanismo, negritude, aí dá os decoloniais, Said [Edward], e dá esses latino-americanos. Eles têm isso no sétimo período, é uma experiência muito legal, eles leem Fanon [Frantz], é muito bom. É uma disciplina cativa minha e do André, porque ninguém se aproximou mais pra dar essa disciplina, é uma briga, inclusive, que eu faço todo dia.

J – Vocês gostariam de circular mais a disciplina?

L – Sim, a gente tem um amor pela disciplina, tipo o André vai pegar esse semestre que vem e eu já estou olhando torto pra ele, porque ele dá três semestres, eu dou três semestres e a gente vai trocando, mas assim: “Gente, vem dar, vem dar subalternos...”, tem vários colegas que conhecem subalternos, “...vem dar essa disciplina”. E aí virou uma coisa cativa.

J – Aí teve esse projeto que era coletivo, tinha o André, o Arruti, como era participar de um projeto coletivo? Tinha uma dinâmica coletiva? Se reuniam?

L – Tinha, mas o Andrey ficou pouco tempo, o Arruti estava muito instável, porque ele estava na PUC, depois ele foi para Unicamp e ficou muito eu e o André. Aí depois ficou

só o André, porque teve uma época que a gente se envolveu na construção de um curso de Licenciatura no Campo, que foi um curso que a Rural deu via Pronera [Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária], e depois virou um curso regular e aí a gente saiu do curso, porque aí virou um departamento, o povo da Pedagogia tomou pra si esse curso, mas na primeira experiência de Licenciatura no Campo a gente participou. E depois o André fez um PET de conexão de saberes que envolvia alunos de áreas tradicionais, quilombo, caiçaras e indígenas, mas os indígenas também acabaram saindo, só um ficou. E aí acabou que o André foi tomando aquilo, eu fui saindo um pouco, porque eu também fui ficando com muita coisa. A chefia de departamento acabou comigo.

J – Saúde também?

L – Não, também, mas assim eu briguei com todo mundo. Cara, que coisa irritante que é ser chefe de departamento, que experiência horrível.

J – Não foi legal?

L – Foi.

J – [risos]

L - Depois que acabou, eu querendo matar todo mundo, botando o dedo na cara das pessoas: “Vocês vão ver o que é ser chefe de departamento, a merda que é.” Aí agora todo mundo está vendo, eu estou comendo esse prato frio até hoje, porque cada um que entra dizendo assim: “Ah, Luena brigou com todo mundo, exagerou, autoritária, sempre reclamando demais.” Aí cada um que pega a chefia de departamento...

J – Quais eram os núcleos da discórdia?

L – Ah, é irritante você trabalhar com as vontades, as pessoas piram e jogam em cima de você que é o chefe, você fica um lugar de descarrego da irritação, dos ressentimentos, às vezes são coisas pessoais, coisas pequenas. O departamento não tem um grande racha, uma grande briga, vai ter em breve, mas até agora não tem. Mas assim a insegurança dos primeiros tempos pra gente montar a equipe, porque a gente não conseguiu todas as vagas que a gente precisava, então, a gente teve que juntar turmas, a gente teve que criar a Pós no meio desse processo todo, com sobrecarga docente dando três disciplinas em vez de duas, pessoas que davam tudo, pessoas que trabalhavam para o coletivo, pessoas que: “Ah, eu vou escrever os meus textos, eu vou fazer as minhas coisas.”. Então, você trabalha com vaidade, trabalha com prioridades, trabalha com pessoas que trabalham menos pelo coletivo, você trabalha com muitas expectativas diferentes e muitas compreensões do que você está fazendo ali. Tem gente que trabalha pra si, tem gente que trabalha para o coletivo, tem muita gente bacana que trabalha para o coletivo, mas que tem também ideias

diferentes de como aquilo deve ser montado, todo mundo muito novo, todo mundo é mesma geração.

J – É bem impressionante isso lá.

L – É todo mundo da mesma idade, a Elisa Guaraná era mais velha, mas ela saiu 4 anos para o governo Dilma, ela ficou 4 anos fora logo no começo, ela montou o curso - ela que montou a porcaria do curso - e ela no começo estava ali organizando, com 1 ano e meio ela sai, a gente estava montando a Pós-graduação quando ela saiu.

J – Uma coisa muito legal que você falou quando você estava falando da sua chefia do departamento foi algo do tipo: “Muita gente não fazia muita ideia o que estava fazendo ali ou qual a visão que se tinha...”. Em todas as entrevistas que eu faço, aparece um certo conflito entre a vida intelectual como um projeto individual e a construção coletiva de um espaço universitário. Você percebia isso? Como era isso pra você? Você tinha uma visão do que você estava fazendo ali na Rural coletivamente? Qual era sua visão sobre isso?

L – Eu, sem ser metida ou pretensiosa, eu acho que eu sou uma das pessoas que mais se preocupa, eu posso não estar trabalhando hoje intensamente nessa direção, mas eu entrei construindo muito o processo coletivo e entrei com uma visão muito clara...porque tem várias maneiras, tem colegas que entram sabendo que tem que construir um curso de graduação, teve um investimento de vários colegas na Pós-graduação, investimento esse muito mais em função de: “Eu preciso estar na Pós-graduação”. Tinha muita gente engajada nessa ideia: “Eu tenho que estar na Pós-graduação, nós temos que estar na Pós-graduação.” Mas eu fui uma das poucas pessoas que rapidamente me dei conta assim: “A gente precisa construir um espaço de disputa política dentro da universidade pra conseguir esses espaços.” Isso vem muito da Elisa também, a gente é muito amiga, de perceber que isso é crucial. Sem construir politicamente dentro da universidade, a gente não consegue produzir e conseguir as coisas que a gente quer, não basta fazer um bom projeto e publicar A1, A2, B1; a gente também tem que batalhar pelo espaço político dentro da Rural. Eu conflitei muito com os meus colegas em função disso, porque eu defendia o tempo inteiro a manutenção de um diálogo, que a ocupação do espaço político dentro da universidade é importante. E as pessoas achavam que eu estava fazendo um jogo político eleitoral, porque eu estava alinhada com tal e tal força política na universidade. Eu fui muito acusada disso de estar pretendendo produzir um lugar político meu dentro da universidade, embora eu não seja contra isso, até me candidatei uma vez para a direção do Instituto, me arrependo, fiquei tão feliz de ter perdido. Mas é importante, não adianta você sair dizendo “nós somos ótimos e somos qualificados” se você não constrói um

espaço político de diálogo e de conflito também, mas para conflitar você precisa estar na instituição. Então, eu fui cedo pra CEPE, participei de comissão, esse tipo de trabalho, até hoje eu estou em comissão, comissão de sindicância, circular por algumas Pró-reitorias, esse tipo de atuação política mesmo, sempre fiz muito isso, sempre fiz isso.

J – Desde antes da Rural?

L – Desde a USP.

J – Ah é, daquela época que você foi representante.

L – É, então, pra mim foi muito legal sair do IFCS, que eu não tinha interesse nenhum naquela época, e eu fui pra USP, entrar dentro daquela...saber como eram os conselhos, e depois fui para o Cebrap, o Cebrap era um outro jeito, mas foi muito bacana ter conhecido o IFCS, a USP, o Cebrap e a Unicamp.

J – É mesmo você passou por todas as instituições tops.

L – É, a Unicamp é incrível, é uma coisa totalmente diferente da USP, muito própria, só é possível lá em Campinas, naquela bolha de Barão Geraldo, uma coisa impressionante, maravilhoso, mas você está em outro planeta. Aquela biblioteca é incrível, eu tinha voltado de Londres – eu não voltei de qualquer lugar, eu voltei das melhores bibliotecas - e eu cheguei na Unicamp e não senti saudade. “Gente, tem tal livro?”. Incrível como a Unicamp tem uma biblioteca boa, você encontra coisas incríveis ali dentro e um clima de trabalho muito menos competitivo que a USP, aliás é “antiuspiano”.

J – Declaradamente, em várias áreas, na História é assim também.

L – Mas voltando pra sua pergunta, eu acho que as pessoas entendem trabalho coletivo de vários jeitos, então, eu gastei muito tempo nessa construção coletiva. Hoje eu já não estou...eu me afastei um pouco, eu dei um tempo mesmo, até porque tive questões familiares que me tomaram muito tempo. Desde que eu voltei para o Rio de Janeiro e que entrei na Rural, eu fiquei cuidando seis anos do meu pai com Alzheimer. Isso foi uma coisa que me tomou muito tempo, me desgastou muito.

J – Ele morava com você?

L – Não, mas aí aquela coisa...cuidador, empregada...eu parecia uma gestora. E meu pai ainda por cima era da Cândido, ficou sem ganhar salário. Foi um caos na minha vida. Meu pai faleceu em 2015 e eu fiquei de 2009 a 2015 cuidando do meu pai. Aí cuido da minha mãe também, mas num nível muito menos intenso de cuidado, ela também tem demência e eu também cuido dela. Veja bem, eu não tenho filhos, eu escolhi não ter, então, pra mim esse negócio de pai, mãe e uma tia, idosos que você fica dando conta, isso me tira um tempo importante que seria meu, no caso do meu pai foi muito complicado,

porque meu irmão não cuidou. Foi puxado isso também. Eu lembro que em 2014 eu não fiz nada na Rural, eu não sei como eu dei aula em 2014, eu estava tão cansada, eu não escrevi uma linha, eu dei aula assim mecanicamente.

J – Piloto automático.

L – Piloto automático total. Eu não dei aula na Pós, eu falei: “Gente, eu não tenho condições de dar aula na Pós esse ano”. Não, em 2014 eu dei, em 2015 que eu não dei, todo ano eu tinha dado. Porque também tem isso, a gente mal formou uma turma e conseguimos emplacar uma Pós-graduação, que é uma aventura.

J – Muito conflito também, quem cadastra e quem não cadastra, eu lembro disso, eu tenho amigos lá, eu ouvi assim.

L – Nossa, o pessoal fez um drama, coitada da Sabrina [Sant’Anna], um drama. As pessoas parecem que você tem uma vontade de cadastrar ou não cadastrar. É uma incapacidade de compreensão dos critérios, da coisa política...

J –...que vai para um conselho superior, os caras vão olhar...

L –...os caras querendo cortar todo mundo. Foi uma briga horrível, ridícula. O André comeu uma mosca nisso, ficou magoadíssimo, várias pessoas ficaram magoadíssimas, mimimi. Eu fiquei muito puta. Uma das coisas que eu fiquei muito puta foi isso, as pessoas indignadas porque não estavam como colaboradoras, porque a gente estava fazendo uma Pós-graduação interinstitucional, éramos nós, o pessoal do IM [Instituto Multidisciplinar, campus Nova Iguaçu] e o pessoal de Três Rios, tinha que botar todo mundo, você tinha uma política ali. “Ah, mas eu publiquei tanto quanto fulano, ele está lá permanente e eu estou em colaborador.” Uma vaidade, um saco. Eu era chefe de departamento nessa época.

J – Você acha que isso tem a ver também que tinha gente muito noviça no mundo institucional e você tinha um traquejo muito grande já? Para além de traço de personalidade, talvez tivesse a ver?

L – Eu não sei se eu tinha traquejo não, eu também cometi muitos erros em função de ser nova, mas tinha uma vaidade. Mas a incompreensão do jogo político, incompreensão de que você estava fazendo um jogo político ali. Tinha gente que achava que era uma questão de decisão nossa, que a gente podia se opor às regras do jogo sem ter entrado no jogo. É engraçado que hoje nós estamos dentro da Pós-graduação e poucas críticas são feitas às maluquices que a CAPES...meio que dá isso como uma força da natureza, as coisas que a CAPES decide em cima da gente, porque a gente já poderia estar muito mais articulado, brigando contra e não estamos, mas na época que a gente estava formando, como é que a

gente ia brigar? E pessoas achavam que podiam disputar isso. Eu falei: “Não, a gente não pode disputar isso agora contra a universidade, contra a própria Pró-reitoria.” Emplacar 20 professores no mestrado? Não podia, “acorda, galera”.

J – Como é que na tua rotina hoje você consegue se organizar pra escrever suas coisas?

L – Não consigo [risos].

J – É quando dá?

L – Olha só, a escrita pra mim tem sido um drama. Eu agora estou nesse momento. Escrever pra mim se tornou mais difícil do que foi no doutorado. Eu acho que no doutorado tinha um prazo, no doutorado tinha uma concentração. Essa dispersão que a gente tem, que é uma dispersão que tem a ver primeiro com vida pessoal e vida profissional, pra quem tem vida pessoal, que é uma teimosia. E aí na vida profissional você tem um leque de coisas pra fazer, que você não consegue se concentrar, não é que você não tenha tempo, você até tem tempo, mas é uma tal fragmentação que você não consegue. Agora eu tinha tirado três semanas pra terminar um artigo, eu estou lendo as coisas das minhas orientandas...e aí isso me deixa irritada. A escrita assim...eu baixei meu nível, nos últimos anos deu uma caída na minha produção.

J – Você não está satisfeita com a sua escrita?

L – Nada, eu não escrevi nada o ano passado praticamente e agora eu tenho que escrever, eu consegui o Universal do CNPq, então, eu preciso escrever.

J – Foi o seu primeiro grande projeto depois dessa loucura institucional toda?

L – Foi, que foi uma pesquisa que eu inventei para orientar aluno. Eu inventei uma pesquisa sobre literatura infanto-juvenil, estou adorando fazer ela agora. Eu gosto tanto de fazer, eu fico frustrada, porque eu não consigo fazer.

J – Fazer pesquisa.

L – Não consigo, não consigo abrir o meu banco, agora eu tenho banco de dados, pareço uma socióloga, aprendi SPSS, estou toda contente. Eu estou toda contente, porque a gente levantou 600 títulos de literatura infanto-juvenil que trabalham questão étnico-racial. E aí com o projeto da universal, eu falei: “Gente, eu vou tirar isso do Excel e botar no SPSS”. Aí chamei uma menina que fez UFF, trabalhou no IUPERJ, Andréa, esqueci o nome dela, que trabalhou com o Nelson Silva, e ela montou um SPSS pra gente e está nos ensinando a trabalhar com o SPSS. Eu estou dando pulinhos. Aí fui para Anpocs, fui brincar, um monte de sociólogo de relações étnico-raciais: “Eu agora sei mexer no SPSS”. Aí eles: “Ih, agora o SPSS não é nada.” [risos].

J – Agora é o R.

L – Aí eu falei: “Ai gente, vocês são muito chatos, seus sociólogos”. Vários cientistas políticos, dois na verdade que agora entraram em questão racial. A questão racial agora entrou na Ciência Política, eu estou chocada, finalmente. E aí eles: “Imagina, SPSS. ” Mas eu estou me sentindo o máximo trabalhando com o SPSS. E aí a gente tem um banco de dados, eu tenho um monte de orientação, de alunas que estão trabalhando, mas eu não consigo trabalhar.

J – Aliás, você trabalha lá ou você trabalha na sua casa?

L – Na minha casa.

J – Você vai lá quando tem que dar aula.

L - Não tem nem sala, nós não temos sala, nós temos um telemarketing que a gente chama de “teleMarx” ou que a gente chama de “minha baia, minha vida”. E não cabe todo mundo, porque a gente tem umas 25 baias e nós somos trinta e poucos professores, temos que dividir baia, não tem, o prédio dos professores foi embargado. Não tem o custo Brasil? Custo Rural, que não é a distância, não é porque é em Seropédica; é porque a Rural é de uma precariedade impressionante. Então, a gente trabalha apesar de, não tem espaço, não tem sala pra botar equipamento, a gente não tem onde colocar as coisas, não tem lugar pra reunião, não tem, não tem, não tem um monte de coisa, não tem internet.

J – Na sua casa você tem um escritório?

L – Tenho.

J – E você se condiciona assim: “Hoje é segunda, dia de escrever, hoje é terça, dia de preparar aula”? Você tem essa rotina?

L – Tenho. Hoje é domingo tenho que preparar aula, hoje é sábado tenho que ler material de aluno.

J – Você trabalha final de semana?

L – Trabalho final de semana, quase todos.

J – Você como orientadora, deve ser diferente do Serrano, porque era teu objetivo, então, você deve ler tudo certinho...

L – Leio tudo, ponho tudo em vermelho ou eu escrevo em vermelho ou eu ponho naquela forma de alteração. Papel não, eu trabalho no computador. Eu imprimo o mínimo que eu posso.

J – E aí muita reunião presencial ou mais trocas...

L – Eu prefiro trocas de texto, agora eu tenho feito orientação por telefone, tenho falado muito com os orientandos por telefone. Tenho feito pouca coisa presencial, eu percebo que presencial está dispersando, me dispersa, a gente fala de um monte de coisa e pouco

foco. Porque meus alunos moram em Campo Grande, em Itaguaí, em Magé, então, ou a gente se encontra na Rural ou a gente se fala por telefone. Eu tenho ido o menos possível à Seropédica, eu vou à Seropédica nos dias de aula e marco reunião só quando é reunião da equipe de pesquisa, que também eu tenho tido pouco tempo de ter. A gente está fazendo reunião uma vez por mês, uma vez a cada dois meses e o resto é WhatsApp, grupo de WhatsApp e a tabela fica online pra gente mexer, o Excel. Quando é com o André, a gente faz reunião no CPDA, porque tem isso o CPDA é no centro.

J – É na Presidente Vargas, né?

L – É, então, banca e algumas reuniões de pesquisa a gente faz lá. Aí sexta-feira elas vão pra Lapa e dormem lá em casa.

J – As suas orientandas?

L – As minhas orientandas de pesquisa.

J – Mas você faz reuniões coletivas, então, com elas?

L – Faço.

J – Uma coisa de todo mundo lê o texto de uma...

L – Não, mais em cima dos dados da pesquisa dos livros.

J – E você pensa em fazer algo a respeito disso? Um artigo coletivo.

L – Agora que tem objetivo, porque em outubro elas tem que apresentar trabalho, então, agora a gente vai tentar concretizar coisas escritas das três pesquisas que elas estão fazendo específicas e a geral também. Então, vamos entrar agora nessa história de texto coletivo, não sei como é que vai ser.

J – Pra fechar, vou fazer umas perguntas rápidas. Redes sociais, você tem? Participa? Gosta?

L – *Facebook*?

J – Ou *Twitter* ou *Instagram*.

L – Só uso *Facebook*.

J - Usa bastante?

L – Uso.

J – Para algo relacionado a trabalho? Falar com orientando, ler artigos de Antropologia...

L – Assim, tem o *face* dos alunos de Ciências Sociais, tem o *face* da Pós-graduação, então, se divulga muita coisa por esses grupos e por esses perfis. Para ler texto não, mas para falar com alunos ou para divulgar coisas uso muito *Facebook*.

J – Ler algo fora da área, romance ou ficção, consegue?

L – Nas férias, nas férias eu consigo.

J – Então, existem férias?

L – Existe. Aquele esquema, você enlouquece uma semana antes para colocar tudo em ordem e a semana seguinte, quando você volta das férias, você enlouquece para botar tudo em dia o que ficou atrasado.

J – Você tinha uma experiência já na ONG de dar curso de extensão, essa faceta sua continua existindo? Partindo da academia, mas para um público mais amplo, continua tendo alguma atividade fora da sala de aula?

L – Sempre eu sou chamada para falar em lugares sobre a questão racial. A pesquisa sobre questão racial, a discussão sobre questão racial acabou virando um campo importante meu de trabalho, de pesquisa, de leitura, de produção, então, sim. Eu já dei muito curso, eu dei muito curso até entrar na Rural. Eu lembro que eu fui na EBC outro dia, fui na EBC duas vezes, tem acontecido muitas coisas, participei de documentário sobre a questão racial.

J – E do que você sente falta na sua rotina? O que você gostaria de fazer que você não consegue?

L – Ler, ler e escrever. Eu não consigo estudar pra mim, eu só consigo estudar para os cursos, aí parei pra dar um curso de pós-colonialismo, que eu consegui ler um pouquinho. Então, consegui, mas fica muito fragmentado. A fragmentação pra mim é o mais cansativo e é cansativo essa coisa da vida familiar. Pra mim o que mais pega é o desgaste emocional da doença dos meus pais, pra mim isso é o mais cansativo, que me toma, me drena uma energia que eu poderia estar usando pra mim profissionalmente, pessoalmente, que é uma coisa totalmente extra de trabalho.

J – É extra, mas é da vida.

L – É da vida.

J – Bom, Luena, queria te agradecer.

[FIM DO DEPOIMENTO]